A economia digital está quebrada – mas não é tarde demais

Ritse Erumi e Anita Gurumurthy

Data da publicação:

Janeiro 2024

Tradução do original Digital Economy is broken - But it's not too late por Ritse Erumi e Anita Gurumurthy, publicado em 30/08/2023[1]

Os titãs da tecnologia promovem novas formas de colonialismo digital, tanto nos países ricos como na cena global. Mas não é tarde demais para construir uma economia digital que funcione para todos.[2]

A economia digital não está funcionando

Democracia, liberdade e prosperidade foram as promessas originais da Internet. A rede mundial de computadores foi uma virada de jogo; as pessoas agora poderiam construir e criar de forma colaborativa o mundo que desejassem. Os ganhos seriam universais e, na nova economia da Internet, todos teriam um lugar. Aqueles que enfrentassem barreiras no mundo offline em termos de gênero, raça, etnia ou capacidade encontrariam novas oportunidades. Na verdade, estas tecnologias digitais permitiriam às pessoas transcender as fronteiras geográficas que restringiam a sua capacidade de prosseguir as vidas que valorizavam, permitindo-lhes adquirir mais poder social, econômico e político.

No entanto, a realidade atual está muito distante dessa visão. Em vez de uma rede mundial democratizada, vivemos numa economia digital em que o vencedor leva tudo, onde os ganhos dos vencedores só aumentam e os perdedores são progressivamente mais empobrecidos. Condições de concorrência equitativas – conforme prometido tanto pelos fundadores da tecnologia como pelos investidores – não se concretizaram. Os desafios que os trabalhadores enfrentam há muito tempo foram agravados na economia digital. Na verdade, as promessas de mobilidade econômica, acesso e flexibilidade que sustentaram os imaginários digitais de trabalho e segurança futuros soam vazias. As perturbações no mundo do trabalho geraram, em vez disso, precariedade econômica, excessos dos empregadores e a normalização da agitação interminável para muitos. O trabalho nas plataformas calcificou as desigualdades estruturais em todo o mundo, relegando particularmente as mulheres trabalhadoras, especialmente do mundo majoritário global, para os segmentos mais baixos do mercado de trabalho. A economia digital, portanto, não só não conseguiu cumprir, como também explorou hierarquias raciais/étnicas, de gênero e geopolíticas no processo.

Como a tecnologia avança rapidamente e quebra os trabalhadores

Em 2021, o IT for Change, com o apoio da Fundação Ford, realizou um grande estudo sobre a digitalização da economia para tentar compreender como a Internet afetou o trabalho e os direitos dos trabalhadores.[3] Conversamos com mais de 80 pessoas, representando trabalhadores, acadêmicos, sindicatos, setor privado, sociedade civil, entidades filantrópicas e agências multilaterais. Ao longo dessas entrevistas, ouvimos repetidamente falar de um conjunto de problemas interligados: que os ganhos da reestruturação da cadeia de valor global trouxeram poucas recompensas para os trabalhadores, ao mesmo tempo que reverteram os direitos laborais conquistados há gerações; que as empresas acumularam fortunas extraordinárias e um poder cada vez maior, enquanto os trabalhadores ficaram privados de direitos, precários e atomizados; que a economia digital rapidamente emergente está impulsionando mudanças sistêmicas, desde o aumento do deslocamento laboral até

trajetórias de desenvolvimento desiguais, conduzindo a uma instabilidade crescente para os trabalhadores e os mercados de trabalho no Sul Global.

Estas mudanças, em muitos aspectos, aceleraram-se com a ascensão do trabalho temporário baseado em plataformas,[4] que foi vendido com a promessa de tornar cada trabalhador o seu próprio patrão, com horários de trabalho personalizáveis. A economia do trabalho temporário provou ser um motor para transformar empregos outrora estáveis da classe trabalhadora – e cada vez mais empregos da classe média também – em empregos inseguros e sob demanda, com poucas proteções e remunerações cada vez menores. Em todo o mundo, estes chamados "contratantes independentes", cujo trabalho forjou unicórnios em empresas como a Uber e a Instacart, lutam agora para sobreviver.[5] Nos EUA, um em cada sete trabalhadores de plataformas ganha menos do que o salário mínimo e um em cada cinco não ganha o suficiente para comer.[6] As condições no Sul Global são exponencialmente piores, também devido historicamente ao enorme mercado de trabalho informal.

O modelo de plataforma que vemos em todos os lugares adota controles algorítmicos para gerenciar trabalhadores – desde a contratação, agendamento e correspondência até a avaliação de desempenho e demissão. A transferência da gestão de chefes humanos para a inteligência artificial (IA) levou a numerosos problemas, deixando os trabalhadores à mercê de sistemas digitais que criam horários de trabalho imprevisíveis, exigências de produtividade cada vez maiores e desumanas, disciplina irresponsável e demissões sem explicação ou vias de recurso e reparação. Estes desenvolvimentos agora espalham-se para muito além das práticas das grandes empresas tecnológicas pioneiras na economia, com trabalhadores em armazéns, hospitais, varejistas, empregos de escritório e outros setores que devem agora enfrentar as mesmas decisões de gestão automatizadas e opacas que os trabalhadores temporários experimentam.

Os trabalhadores enfrentam também uma vigilância substancialmente maior , de formas variadas e perturbadoras. Longe das câmaras de segurança no local de trabalho cada vez mais normalizadas, os trabalhadores são agora monitorados digitalmente dentro e fora do trabalho, muitas vezes sem o seu consentimento informado e sem controle sobre a forma como os seus dados pessoais são utilizados e comercializados pelos seus empregadores e corretores de dados terceirizados. Desde programas de captura de teclas instalados em laptops de trabalhadores remotos até microchip em funcionários ou exigência de que os estoquistas instalem aplicativos da empresa em seus telefones pessoais que acessam suas câmeras e dados privados,[7] essas mudanças orwellianas alimentam programas de produtividade operados por IA que rastreiam todos os locais e as idas dos trabalhadores ao banheiro. Consequentemente, os trabalhadores perderam progressivamente o controle sobre os direitos fundamentais à privacidade pessoal e digital.

Entretanto, o espectro da automação contínua surge como uma ameaça constante que prejudica ainda mais a vida e a estabilidade dos trabalhadores em todo o mundo, uma vez que setores inteiros do mercado de trabalho podem tornar-se obsoletos.

Estas e outras questões constituem um problema mais básico: as tecnologias que sustentam a economia digital de hoje foram concebidas por e para as empresas – não para um conjunto mais amplo de partes interessadas, e certamente não para os trabalhadores. A cultura tecnológica e o discurso que a acompanha priorizaram narrativas de disrupção, novidade e eficiência, ao mesmo tempo que defendem da boca para fora a inclusão, a equidade e a justiça. Como intervenientes geoeconômicos cada vez mais poderosos, os titãs da tecnologia promovem novas formas de colonialismo digital: tanto nos países ricos, onde a população está sendo rapidamente classificada entre os que têm e os que não têm desta era, como no cenário global, à medida que os países ricos do Norte Global reproduzem relações de exploração em outras geografias.

Rumo a um regime de inovação digital mais responsável

Dado que os países do Sul Global têm sido saqueados há muito tempo em termos de mão-de-obra e de recursos naturais preciosos, a economia digital de hoje está a extrair dados dos seus cidadãos. E à medida que os novos trabalhos sujos da economia digital são externalizados para o Sul Global – por exemplo, moderadores de conteúdos e rotuladores de dados no Quênia e nas Filipinas vasculham os resíduos dos meios de comunicação social para proteger o público de material extremo e gráfico – estamos testemunhando a construção de uma nova era de fábricas exploradoras digitais, onde o trabalho mais perigoso é terceirizado para ser executado por trabalhadores com menos proteções.

A indústria tecnológica gosta de se apresentar como presidindo uma nova revolução industrial que mudará o

mundo para sempre. É uma comparação mais adequada do que eles imaginam. Como nos explicou o Dr. Onoho'Omhen Ebhohimhen do Congresso do Trabalho da Nigéria, os efeitos da economia digital, tal como a gerência algorítmica dos trabalhadores, "são similares aos da primeira revolução industrial, quando trabalhadores eram detidos e aprisionados, trabalhavam 20 horas ou mais por dia e não tinham direito a uma vida familiar."[8]

No entanto, não precisa ser assim. A inovação digital pode perturbar as economias em favor de formas colaborativas e solidárias de trabalho digno e de qualidade, onde todos possam florescer. Então, como poderemos democratizar a economia digital para que os trabalhadores tenham incidência e sejam capazes de moldar o futuro ao lado dos tecnólogos e dos capitalistas de risco do Vale do Silício?

Aqui estão três maneiras de construir um futuro de trabalho que desejamos na era digital:

1. Construir novos padrões para o trabalho digno na era digital
Coletivamente, devemos organizar e apoiar o desenvolvimento de novos padrões garantidos para o trabalho digno nesta economia, incluindo uma nova compreensão dos dados dos trabalhadores e dos direitos digitais; o fim da gestão algorítmica opaca e irresponsável e das formas abusivas de vigilância no local de trabalho; e novos quadros de governança para o papel da IA e de outras tecnologias emergentes no local de trabalho. Os trabalhadores devem moldar as condições emergentes e os modelos econômicos que determinam a estrutura das suas vidas profissionais. As empresas devem considerar as consequências destas tecnologias ao longo dos seus processos de aquisição, implantação e governança da tecnologia – em parceria com as suas forças de trabalho. Os governos de todo o mundo devem estabelecer barreiras e trabalhar para a construção de futuros econômicos alternativos, onde os direitos dos trabalhadores e as economias locais sustentáveis estejam centrados. As filantropias e os setores de desenvolvimento podem ajudar a promover iniciativas lideradas pelos trabalhadores e parcerias entre organizações de trabalhadores e comunidades tecnológicas, para que esses centros intersetoriais possam desenvolver novas soluções, desde plataformas pertencentes aos trabalhadores a fundos de dados de trabalhadores e projetos de infraestruturas tecnológicas. Os acadêmicos podem ajudar a atender à ampla necessidade de estudo em diversas áreas, como a forma como tecnologias emergentes como a IA estão transformando as economias da maioria global e formas de trabalho florescentes.

2. Construir uma economia digital feminista
Devemos investir na construção de uma economia digital feminista, onde o serviço e o apoio comunitários e uma rede de segurança social sejam prioridades. As mulheres e outros trabalhadores tradicionalmente marginalizados precisam ser capacitados quando se trata de trabalho em plataformas, através de programas de formação e sensibilização, bem como de espaços dedicados onde possam articular as suas preocupações e impulsionar mudanças políticas mais amplas que exijam que os empregadores de plataformas comecem a cuidar dos seus empregados. Há também necessidade de novos modelos cooperativos de serviços de cuidados, incluindo sociedades de ajuda mútua, sindicatos, coletivos, grupos comunitários e muito mais, e de oportunidades equitativas de melhoria de competências e formação para trabalhadores marginalizados que correm maior risco de perder os seus empregos devido à automatização. Na verdade, esta economia digital feminista deve promover a prosperidade de todas as pessoas e do planeta.

3. Construir uma tecnologia melhor ouvindo os trabalhadores
Ao falar com dezenas de intervenientes na economia digital, uma lição clara se destacou: Devemos ouvir os trabalhadores porque eles compreendem os problemas e muitas vezes têm a visão mais clara sobre as soluções.[9] Os mais afetados pelos fracassos da economia digital até agora, que sofreram os piores problemas a ela associados, são alguns dos nossos maiores trunfos na criação do futuro do trabalho que desejamos. Para alcançar esse futuro, devemos investir na experimentação e na inovação por, com e para os trabalhadores. Isto significará, em grande parte, centrar aqueles que foram mais marginalizados e permitir-lhes moldar e conceber as intervenções de que necessitamos. Isso também significa ser paciente. Como nos disse Salonie Muralidhara da federação sindical das mulheres indianas, SEWA, "os doadores devem compreender que os investimentos em mulheres trabalhadoras no Sul Global, por exemplo, são algo que leva mais tempo a devolver os investimentos, especialmente e não menos importante porque as mulheres têm sido sistematicamente excluídos por muito tempo".[10] Em última análise, podemos construir uma tecnologia melhor através de um design centrado no trabalhador .[11]

Os setores filantrópico e de desenvolvimento podem desempenhar um papel importante através de investimentos

catalisadores nesta nova agenda que protege os direitos dos trabalhadores e cria uma economia digital que funcione para todos – local e globalmente. No entanto, nada disto pode acontecer apenas com os setores de desenvolvimento e filantrópicos. Na construção de uma economia digital mais democrática e feminista, o setor tecnológico e os investidores devem tornar-se grandes contribuintes – não através de generosidade ou caridade, mas garantindo que os fatores de produção, processos e retornos da inovação, muitas vezes construídos com base no investimento público e no trabalho humano, revertam para as comunidades locais e globais que constituem a espinha dorsal da criação de valor. Mais importante ainda, os regimes baseados em direitos precisam evoluir através do estabelecimento de normas globais. Será necessário que os governos, especialmente do Norte Global, abordem e melhorem as condições flagrantes que os trabalhadores enfrentam nas cadeias de abastecimento (digitais).

Para alcançar o futuro do trabalho que desejamos na era digital, devemos investir e construir com determinação.

1 Erumi, R. e Gurumurthy, A. (2023).The Digital Economy Is Broken—But It's Not Too Late. *Stanford Social Innovation Review* . https://doi.org/10.48558/4XGJ-KT11. Ritse Erumi é oficial de programa da equipe Future of Work(ers) da Fundação Ford. Ela lidera o trabalho da Ford no avanço de economias mais justas através de novas abordagens à tecnologia e inovação, mudança narrativa e envolvimento empresarial. Anita Gurumurthy é membro fundadora e diretora executiva da IT for Change, onde lidera pesquisas e defesa sobre governança de dados e IA, regulamentação de plataformas e estruturas feministas sobre justiça digital.

2 Este texto faz parte de "Making Tech Work for Workers", uma série de artigos aprofundados patrocinados pela Fundação Ford que explora os danos da economia digital e pergunta aos trabalhadores, organizadores, tecnólogos, economistas e financiadores: Como podemos construir coletivamente um futuro de trabalho justo, equitativo e sustentável para todos?

3 https://itforchange.net/future-of-work-we-seek

4 Em inglês, "gig work". Ver, por exemplo, https://www.gigeconomydata.org/basics/what-gig-worker

5 Unicórnio é uma "startup" avaliada em mais de US$1 bilhão.
Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Unic%C3%B3rnio_(startup)

6 https://www.epi.org/press/national-survey-of-gig-workers-shows-poor-work...

7 https://www.marketwatch.com/story/states-are-cracking-down-on-companies-...

8 https://www.nlcng.org/

9 https://listentoemployees.org/

10 https://www.sewausa.org/

11 https://workervoicedesignlab.com/

Categoria:

- poliTICs 37